

A Chegada de Betina

Por Luciana Guimarães

Quando descobri que estava grávida, de cara não acreditei. Não apresentava sintomas tão evidentes (pelo menos para mim!), apenas um mau-humor fenomenal que pensei se tratar de uma alteração na minha tireóide. Quando resolvi fazer o exame, já estava com 9 semanas de gestação. Minha gravidez correu da melhor maneira possível. Ao longo dos meses me alimentei bem, pratiquei Yoga, li bastante sobre o assunto, cuidei dos meus pensamentos. Minha idéia sobre um parto humanizado foi se fortalecendo a partir das reuniões do GestaCuritiba, encabeçadas pela Patrícia e pela Felicitas. Crescia em mim o desejo de ter um parto natural.

Nas ecografias, a DPP, data “pouco provável do parto”, apontava o nascimento da Betina para o dia 14 de agosto. Por ser a primeira gestação, o dia 13 também era um forte candidato. Sempre ouvi ao longo da gravidez que a Betina nasceria antes, muitos falavam “a barriga já está baixa demais”, “menina sempre adianta”, enfim vários palpites que no final provaram estar errados.

Completei 40 semanas de gestação no dia 14 de agosto e ela não nasceu na data provável. Na madrugada do dia 15 comecei a sentir umas contrações leves e pensei estar no início do trabalho de parto. Mas ao amanhecer as contrações paravam. De dia fazia caminhadas, ia ao médico e à noite elas recomeçavam mais fortes. Isso durou uma semana, com contrações intensas de madrugada, telefonemas para as doulas Patrícia e Felicitas e eu cada dia mais cansada, já que as noites tinha dificuldade para dormir. De dia procurava descansar, mas também me movimentava para ver se a nossa heroína dava o ar da graça. Nesse período conversei muito com a Patrícia e nunca me esqueço sempre os seus dizeres: “Lu, procure relaxar, tome um banho, descanse, almoce bem e vamos ver se as contrações continuam”. Só que as safadas paravam durante o dia. Teve uma noite que achei que ela iria nascer. Liguei para as doulas e disse, “acho que desta noite não passa”. Ficamos aqui em casa, Guilherme (meu marido/companheiro/parceiro e pai da Betina) e as doulas assistindo à TV e conversando um monte, enquanto minha barriga ficava dura e amolecia. Betina precisava ainda de mais 5 minutinhos.

Completei 41 semanas de gestação e nada de ela nascer. Nas consultas quase que diárias com meu obstetra, Dr. Carlos Miner Navarro, já estava com 4 de dilatação. Ele chegou a descolar a bolsa para ver se o trabalho de parto se iniciava. O tampão começou a sair lentamente, cada dia um pouquinho. À noite os banhos de chuveiro ajudavam a aliviar as dores, já que era cada vez mais difícil manter-se deitada na cama quando as contrações começavam. Meu falso trabalho de parto estava me deixando cansada e ansiosa.

Como as contrações não evoluíam e as condições eram favoráveis, decidimos optar pela indução do parto. Nunca me esqueço da última noite de contrações, achei que ela nasceria naquela madrugada. Segui os conselhos da Patrícia, conversei bastante com a Betina, disse a ela que estava pronta para recebê-la, dei adeus a minha barriga, estava uma noite bem fria, fiquei sentada na frente da lareira pensando em tudo que já havia acontecido. Sabia que se ela não nascesse naquela madrugada, nasceria no dia seguinte de parto induzido. Claro que eu preferia que o parto fosse natural. Expliquei a ela que caso não viesse aquela noite, na manhã do dia 20 de agosto iríamos para a maternidade dar início à indução. Foi muito importante para mim aquele ritual, ter aquela conversa, despedir-me da barriga.

E ela não quis nascer. Então às 13h do dia 20 demos entrada na Maternidade Curitiba. Fiz o exame do toque e estava com 4 para 5 de dilatação. O plantonista me animou dizendo que minha bacia era larga e que eu não teria dificuldades no parto. Uma pena que ele estava enganado.

No começo foi tudo tranquilo. Conversas no quarto, eu caminhando com o soro no braço, tomando água de coco, ouvindo as músicas que tinha selecionado para o parto, tudo bem calmo. Eram 14h. Conforme eu ia recebendo as doses de ocitocina, a dilatação do colo ia aumentando. Depois de uma hora, 6, depois 7, tudo correndo bem. Chegou um momento em que resolvi me isolar dos demais, as contrações começaram a ficar mais doloridas e decidi ir para o quarto e me aquietar por lá. Nas contrações conseguia manter o foco na respiração e com a ajuda das doulas passava por cada uma delas.

O chuveiro foi essencial para suportar a dor. No total tomei 3 longos banhos quentes, no começo sentada na bola de pilates, depois em pé mesmo. Lembro que quando entrava no chuveiro perdia a noção do tempo e de onde estava, era algo surreal. No primeiro banho depois que saí estava revigorada e pronta para continuar. Durante as contrações tentava várias

posições que fossem mais confortáveis: apoiada nas coxas das doulas, segurando na cama, sentada na bola. O que eu não contava eram as fortes câimbras que teria na coxa, uma dor absurda mesmo. Só as massagens fortes e ritmadas das doulas tornavam a sensação melhor. Outro lugar exigido muito eram as costas. Na hora o que passava mesmo era a massagem com óleo.

Chegou o fim de tarde e eu continuava ali, com o aventalzinho, ora morrendo de calor, ora com gás total, ora entregando os bets. Quando cheguei a 8 de dilatação, fiquei perto de 2 horas sem evoluir, se não me falha a memória. O obstetra sugeriu romper a bolsa. Posso dizer que aquele líquido quentinho foi uma das melhores coisas do parto (e como tinha líquido, a sensação era que eu carregava um chafariz ambulante). Só que a alegria durou pouco, já que rompida a bolsa as contrações pegaram pesado demais. A partir dessa hora perdi um pouco o foco na respiração e na ordem do que aconteceu. Lembro que o aventalzinho já estava longe, tamanho o calor que eu sentia. Bem que a Felicitas me avisou que chega uma hora em que o melhor mesmo é ficar pelada. E lá estava eu, pelada, urrando de dor e com câimbras horríveis na coxa.

Posso garantir que o apoio das doulas e do meu marido foram essenciais neste momento. Pensei em desistir, mas lembro que ouvia incentivos como se eu tivesse numa maratona e isso me mantinha na jornada.

Chegava a noite e o pessoal na ante sala pediu uma pizza. Passava das 21 horas e o trabalho de parto continuava. Já não havia mais posição confortável, as contrações estavam muito próximas umas das outras e lembro que havia sangue em grande parte do chão e da cama. A essa altura estavam só eu e as doulas se revezando e em algumas horas o Guilherme entrava para me incentivar.

Atingi a dilatação total, agora faltava o expulsivo. Pelo fato da Betina estar com o dorso à direita, esse período também demorou creio que algumas horas. O médico tentou manualmente o giro, sem sucesso. As doulas também tentaram uma manobra externa, mas não havia jeito. Nessa hora me senti o próprio boneco do posto. E todo o tempo o médico ouvindo o coração dela para ver se tudo estava ok. Para aliviar, xingava muito e tentava ver as coisas pelo lado engraçado para ir adiante.

Lembro que numa hora entrou todo mundo no quarto, menos a minha irmã. Para ela, ouvir os meus gritos de dor não foi nada fácil. Lembro que olhei para o Carlos e perguntei se estava no fim, minhas forças sei que estavam acabando. Perdi muita energia gritando nas contrações. Mas nesse estágio não conseguia mais focar na respiração.

Como o período expulsivo estava muito demorado, o médico resolveu utilizar o vácuo extrator para concluir o giro da Betina. Só quando vi o pediatra na sala acreditei que ela iria nascer em breve.

Nisso lembro do Guilherme me dando muita força, apertando minha mão. Como ele foi valente! Escolhi uma música que acho linda e pedi a ele que trouxesse o som para dentro da sala. Nesse momento comecei a chorar. Por ter que usar o vácuo, precisei parir deitada de barriga para cima. Quando senti uma contração forte, lembro que elas seguraram minhas pernas para trás. A dor foi animal. E nesse momento o tempo congelou. Olhei para baixo e lá estava a cabecinha mais linda e cabeluda que eu já tinha visto na vida.

Betina olhava para todos com grande curiosidade. No quarto, rolava a música de Damien Rice, “Blower’s daughter”, que diz, “I can’t take my eyes off of you”. E estávamos ali, eu, ela e o Guiler, chorando e paralisados com o que acabara de acontecer.

Leonina, Betina chegou rompendo a madrugada, à 0h33 do dia 21 de agosto de 2009. Batalhou muito para nascer. Não imaginei que meu trabalho de parto fosse chegar a 10 horas, e também não pensei que teria tanta dor como tive. Posso descrevê-lo como selvagem mesmo. Mãe e filha juntas para que tudo de melhor acontecesse. Em momento algum deixei de acreditar que conseguiria e tirei forças sabe lá de onde para concluir esse processo, que para mim era extremamente importante e como não dizer, um ato de amor para minha filha.

Precisava elaborar essa mudança de papel, de filha para mãe, e nada como um longo trabalho de parto para me ajudar com isso. Sentir aquele serzinho, entregue em meu peito, frágil e inocente, foi uma das coisas mais lindas que já me aconteceram. Posso afirmar que ter um parto ativo me fez guerreira, corajosa e confiante em mim mesma.

Luciana de Mendonça Duarte Guimarães

33 anos, aquariana, estreando como mãe da Betina, nascida de um parto induzido no dia 21 de agosto de 2009.

